

Atos Antidemocráticos no segundo turno das eleições presidenciais no Brasil: Uma análise da figura feminina como fonte de notícias

Anti-democratic acts in the second round of presidential elections in Brazil: An analysis of the female figure as a news source

Actos antidemocráticos en la segunda vuelta de las elecciones presidenciales en Brasil: un análisis de la figura femenina como fuente de noticias

Janaina Lopes de Amorim¹
Thaís Bueno²
Lígia Bernar³
Daniele Lima⁴

Resumo

Este artigo trata da imagem propaganda na mídia das mulheres que participaram dos atos antidemocráticos ocorridos em 03/11/2022, no intuito de questionar o resultado eleitoral que elegeram Luiz Inácio Lula da Silva (PT) como presidente do Brasil, para entender que tratamento receberam na cobertura midiática, em termos de espaço e enfoque nos jornais. Pelo aporte teórico e metodológico da Teoria do Enquadramento,

¹Doutoranda em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCOM-UFPA). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Mestra em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão (PPGCOM/UFMA-Campus Imperatriz). Jornalista pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1190-2547> E-mail: jannaina.amorim@gmail.com.

² Professora adjunta de Jornalismo na pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA-Campus Imperatriz). Docente permanente no Programa de Pós-Graduação (Mestrado em Comunicação) na mesma instituição. Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) e mestra em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Jornalista pela mesma instituição. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7048-3920> E-mail: thaisabu@gmail.com.

³ Jornalista. Mestranda em Ciências da Comunicação pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom-UFPA). Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação, Política e Amazônia (COMPOA-UFPA) e Integrante do Projeto de Pesquisa Ecoaras - Comunicação, Democracia e Modos de (R) Existências de Mulheres na Amazônia. <https://orcid.org/0009-0006-6731-5631>. E-mail: bernarligia@gmail.com.

⁴ Mestra em Comunicação e jornalista pela Universidade Federal do Maranhão. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3943-4116>. E-mail: danielesilvalima15@gmail.com.



norteada pelos conceitos de gênero, raça e de notícia como construção social, foi verificado que as mulheres são pouco ouvidas como fontes destas notícias e aparecem mais em segundo plano nos vídeos, reforçando a ideia de subalternização. Pretende-se contribuir para ampliar os debates sobre as representações de gênero e raça na mídia a partir das análises da cobertura dos principais portais de notícias nacionais.

Palavras-chave: Enquadramento; Mulheres; Portais de notícias; Atos antidemocráticos; Eleições 2022.

Abstract

This article deals with the propaganda image in the media of women who participated in the undemocratic acts that took place on 11/03/2022, with the aim of questioning the electoral result that elected Luiz Inácio Lula da Silva (PT) as president of Brazil, to understand what treatment they received in media coverage, in terms of space and focus in newspapers. Through theoretical and methodological contribution of Framing Theory, guided by the concepts of gender, race and news as a social construction, it was found that women are rarely heard as sources of this news and appear more in the background in videos, reinforcing the idea of subalternization. The aim is to contribute to expanding debates on the representations of gender and race in the media based on analyzes of the coverage of the main national news portals.

Keywords: Framework; Women; Undemocratic Acts; News Portals; 2022 Elections.

Resumen

Este artículo aborda la imagen propagandística en los medios de comunicación de las mujeres que participaron en los actos antidemocráticos ocurridos el 03/11/2022, con el objetivo de cuestionar el resultado electoral que eligió a Luiz Inácio Lula da Silva (PT) presidente de Brasil, para entender qué trato recibieron en términos de espacio y enfoque en la cobertura mediática. A través del aporte teórico y metodológico de la Teoría del Framing, guiado por los conceptos de género, raza y noticia como construcción social, se encontró que las mujeres raras veces son escuchadas como fuentes de estas noticias y aparecen en segundo plano en los videos, reforzando la subalternización. El objetivo es ampliar los debates sobre las representaciones de género y raza a partir de análisis de la cobertura de los principales portales de noticias nacionales.

Palabras clave: Estructura; Mujer; Actos Antidemocráticos; Portales De Noticias; Elecciones 2022.

Introdução

A imprensa, como parte da sociedade capitalista dividida em classes, reflète questões estruturais de gênero e raça no debate sobre as definições de papéis e lugares destinados às mulheres (brancas e negras) e aos homens (brancos e negros). Diante de



um cenário ideológico-político mais voltado à extrema-direita no país⁵, após quatro anos do governo do então presidente Jair Bolsonaro, verificamos uma transgressão reacionária, com a participação efetiva de mulheres desses espaços nas ações políticas nas ruas. Transgressora porque de acordo com os valores conservadores, as mulheres deveriam estar restritas à esfera privada, representando o imaginário de “bela, recatada e do lar⁶”. Ainda não há muitos dados em relação a participação feminina nesse momento histórico, mas nos ataques de 8 de janeiro, em Brasília, das 1.406 pessoas presas, 408 eram mulheres, segundo matéria publicada na CNN⁷. Dados que podem servir de parâmetro, considerando que os atos de novembro foram os primeiros de teor contestatório das eleições e, portanto, com o mesmo padrão.

Movidas a compreender o fenômeno desse movimento contra a democracia, analisamos o enquadramento da participação das mulheres nos atos antidemocráticos ocorridos logo após o segundo turno das eleições presidenciais de 2022. O período correspondeu ao início das ações de movimento de pessoas inconformadas com o resultado do pleito eleitoral que elegeu Luiz Inácio Lula da Silva (PT) como presidente do Brasil para o quadriênio de 2023 a 2026. As ações que contestaram o resultado das eleições, incluíram o bloqueio de rodovias e reivindicaram intervenção militar, com a mobilização de pessoas em frente aos quartéis militares e em diversas cidades do país.

O interesse de pesquisadores pelo tema não é novo. Um exemplo atual é o trabalho que avaliou a representação coadjuvante das mulheres em entrevistas nos jornais, de autoria das pesquisadoras Paula Melani Rocha e Karina Janz Woitowicz (2013). O estudo olhou para a cobertura dos jornais *Gazeta do Povo*, *Diário dos Campos* e *Jornal da Manhã*, todos no Paraná. A pesquisa revelou que há prevalência do protagonismo masculino e tendência à invisibilidade das mulheres como fontes de notícia, apesar do equilíbrio na presença de mulheres e homens como jornalistas e produtores de conteúdo.

⁵ No Brasil, a extrema direita pode ser caracterizada pela ideologia repressiva, o culto da violência policial, intolerância às minorias sociais, sobretudo aos homossexuais, da defesa das oligarquias e de golpes militares (LÖWY, 2015)

⁶ Expressão usada para se referir a, na época, Marcela Temer, em matéria produzida e veiculada pela Veja em 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>

⁷ Moraes solta 149 mulheres que estavam detidas por envolvimento no 8 de janeiro. CNN, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/moraes-solta-149-mulheres-que-estavam-detidas-por-envolvimento-no-8-de-janeiro/>



Com a proposta de combater o silenciamento das vozes femininas e dar mais visibilidade às mulheres em matérias jornalísticas, a ONG *Think Olga* lançou, em 2015, a campanha “Entreviste uma mulher”. Para incentivar a prática, divulgaram um banco de dados com mulheres que poderiam ser fontes de reportagens.

Além da discriminação sexista, ressaltamos que o silenciamento atravessa a questão do racismo estruturante que produziu uma sociedade que também é racista e “tem sido perpetuado e reinterpretado de acordo com os interesses dos que dele (**do racismo**) se beneficiam” (GONZALEZ, 2020, p. 55 - parêntese e grifo nosso).

A movimentação de contestação do resultado das eleições partiu de uma camada conservadora da população brasileira, cujo principal representante era o ex-presidente Jair Bolsonaro, que proferiu durante o seu mandato em discursos, entrevistas para imprensa, *lives* e eventos oficiais inúmeras falas misóginas, sexistas e racistas. Todas elas amplamente divulgadas pela mídia nacional e internacional. Entre elas, podemos destacar quando, em 2019, numa conversa com jornalistas sobre projetos turísticos nacionais, fez apologia ao turismo sexual, objetificando as brasileiras, ao dizer “quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade”; ou quando declarou que “deu uma fraquejada” ao se referir ao nascimento de sua única filha. Foi a partir desse histórico de preconceitos e opressões que surgiu a proposta de entender melhor o enquadramento da imagem das mulheres inseridas em grupos que apoiam esse político nos portais de notícias. Isso, sabendo do silenciamento dado às mulheres nos espaços de mídia, considerando, ainda, que se trata de grupos sociais que entendem o papel da mulher na política como coadjuvante.

Buscamos, desta forma, levantar a frequência com que as mulheres apareciam como fonte de notícia, seus perfis e a autoria, abrangendo textos, fotografias e vídeos, durante o período de 31 de outubro a 3 de novembro de 2022, quatro dias após o segundo turno das eleições presidenciais. Para isso, utilizamos as palavras-chave “atos antidemocráticos”, “manifestações populares” e “eleições presidenciais” no mecanismo de busca do Google e encontramos 18 matérias em portais de notícias nacionais de pequeno, médio e grande porte. O estudo foi balizado pela Teoria do Enquadramento (MOTTA, 2007) e as categorias de análise foram elaboradas à luz da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) e as análises norteadas pelos conceitos gênero e notícia como construção social.



Conceitos norteadores

Entendemos que conhecer a lógica por trás da notícia é ter acesso à cultura jornalística, construída e influenciada por quadro de referências comuns à sua comunidade, que não só seleciona os temas que serão pauta, mas também os enquadra, baseados em padrões organizativos que conferem às produções um grau de objetividade e imparcialidade.

No entanto, por se tratar de uma expressão humana, esse processo produtivo está profundamente imerso em subjetividades. Por isso, adotamos a ideia de notícia como uma realidade contada e, por tanto, uma construção social da realidade. Por ser uma construção, é condicionada (TRAQUINA, 2005), seja pelas políticas editoriais dos veículos, pela rotina de produção que tem o aspecto da corrida contra o tempo como algo limitador, ou por questões ideológicas e culturais de quem produz, que vai definir seus enquadramentos, o modo como enxerga a realidade (MOTTA, 2007), e conseqüentemente, a sua forma de narrá-la. No caso das imagens das mulheres, o viés inconsciente das escolhas dos jornalistas pode reforçar estereótipos de gênero, seja pela forma como elas são apresentadas ou mesmo pela linguagem utilizada.

Some-se a isso também as questões estruturais que impactam nas condições de produção e integram parte das condicionantes que refletem a crise do jornalismo contemporâneo, como transformações na produção devido às tecnologias digitais, que perpassa a intensificação do tempo de produção da notícia e a participação ativa da audiência (PEREIRA, ADGHIRNI, 2011; SOUZA, 2017; FIGARO, SILVA, 2020). Essas mudanças podem resultar em falta de profundidade na cobertura de questões de gênero e raça, levando a representações simplistas ou até mesmo a supressão da temática em si e a ausência de mulheres negras como fontes qualificadas de notícias.

A partir disso, a Teoria do Enquadramento é fundamental como conceito norteador neste estudo, uma vez que se pretende verificar de que forma as mulheres participantes dos atos antidemocráticos foram retratadas nas notícias, ou seja, como a mulher foi enquadrada no jornalismo. Entender esse enquadramento é importante porque o jornalismo, por se tratar de uma atividade técnica humana, é perpassado pela dinâmica da objetividade e subjetividade (SOUZA, 2017), como, por exemplo, as inovações tecnológicas que “jamais são criadas sem a marca de classe que as direcionam” (FIGARO, SILVA, 2020, p. 145).



Entman (1993, p. 52), tradução nossa⁸ afirma que “enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e torná-los mais salientes em um texto comunicativo, de modo a promover determinada definição de problema, interpretação causal, avaliação moral e/ou recomendação de tratamento para o item descrito”. O autor também destaca o poder que existe na comunicação textual.

É importante que se entenda que as notícias envolvem uma complexidade textual: existem seleções, saliências, interpretações, cultura, valores e avaliações morais imbricadas em cada matéria, além de exclusões e omissões. Todos esses elementos são responsáveis pelos enquadramentos dos eventos percebidos pelos jornalistas, que não são atores neutros ao observarem uma realidade.

Diante disso, percebe-se que o jornalismo é parte fundamental do meio social enquanto aparelho de formação de conhecimento e posicionamentos políticos, se encontrando dentro das complexas dinâmicas das construções sociais.

Ao promover enquadramentos, o jornalismo está colocando em ação mais do que a saliência de aspectos considerados relevantes para a interpretação dos acontecimentos narrados. Está neste processo a especificidade da sua participação nas dinâmicas de construção social da realidade. Em outros termos, os enquadramentos revelam as peculiaridades de cada veículo noticioso, em suas múltiplas inserções sociais, e por isso dizem para além de um componente operacional da lógica narrativa noticiosa. (CARVALHO, 2009, p. 4).

Todos os dias, as redações jornalísticas dão sentido às coisas e às pessoas, legitimam fatos, dão visibilidade a uns e omitem outros, de forma intencional ou não, uma vez que todo esse processo é intrínseco à profissão. Entretanto, é esse exercício diário que dá conta de promover representações e guiar interpretações dos indivíduos, além de ser fundamental para o conhecimento de si próprio e da sociedade em que está inserido (CARVALHO, 2009).

Ao falar sobre enquadramento, faz-se necessário apontar que o gênero também é parte central na construção dos quadros da realidade. Rayza Sarmiento (2019) afirma que os meios de comunicação são peças centrais para se entender as desigualdades de gênero que se estabelecem nas sociedades. Ainda de acordo com ela, não existe relação

⁸ “*To frame is to select some aspects of a perceived reality and make them more salient in a communicating text, in such a way as to promote a particular problem definition, causal interpretation, moral evaluation, and/or treatment recommendation for the item described.*” (ENTMAN, 1993, p. 52).



social ou comunicação sem os “pacotes interpretativos” desenvolvidos por meio dos quadros do jornalismo, pois são eles que “guiam as nossas ações mais ordinárias aos contextos mais específicos de interação” (SARMENTO, 2019, p. 104).

Assim, outro conceito central para este estudo é o de gênero, entendido como construção social, sendo uma interpretação múltipla, que sofre diversos atravessamentos, como os culturais, territoriais, religiosos, de classe e raça (BUTLER, 2003; SCOTT, 1995; LOURO, 1997). Essas são categorias inseparáveis que estão entrelaçadas, interagem, atravessam e marcam as realidades das mulheres de diferentes formas. Essa abordagem é uma ferramenta analítica que Patrícia H. Collins e Sirma Bilge (2020) chamam de interseccionalidade.

De acordo com Joan Scott (2019, p. 23), “o gênero é um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre as diversas formas de interação humana”. Isto é, o gênero seria a forma como as pessoas acessam uma inteligibilidade sobre o que é ser homem e mulher, por exemplo, e é a partir disso que estes/estas se relacionam e conseguem compreender o mundo social.

Raewyn Connell e Rebecca Pearse (2019) colocam o gênero como uma estrutura social multidimensional, não dizendo respeito apenas à identidade ou à sexualidade, por exemplo. “Padrões de gênero podem ser radicalmente diferentes entre contextos culturais distintos, e há certamente muita variedade entre as maneiras de pensá-los, mas ainda é possível pensar (e agir) entre culturas em relação ao gênero” (CONNELL, PEARSE, 2019, p. 49).

Já o conceito da interseccionalidade, de forma primordial, está centralizado no pensamento do feminismo negro, isso porque, segundo Carla Akotirene (2021), as experiências e reivindicações das mulheres negras não eram observadas pelo movimento feminista – de origem branca e ocidental – e até mesmo pelo movimento antirracista, onde o homem negro aparece como figura central. Ao definir a interseccionalidade, Akotirene (2021) afirma que o termo existe para demonstrar a inseparabilidade estrutural entre o racismo, o capitalismo e o cisheteropatriarcado, que, de acordo com ela, são “produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais” (AKOTIRENE, 2021, p. 19).

De acordo com Patrícia Hill Collins (2019, p. 277), “escolas, a mídia impressa e



os meios de comunicação, agências governamentais e outras instituições do ramo da informação reproduzem imagens controladoras da condição de mulher negra”. Além disso, Lélia Gonzalez (2019) destaca que os veículos de comunicação têm um papel na reprodução do racismo latino-americano.

O racismo latino-americano é bastante sofisticado para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças à sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento. Veiculada pelos meios de comunicação de massa e pelos aparelhos ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores do Ocidente são os únicos verdadeiros e universais (GONZALEZ, 2019, p. 345).

A partir disso, entende-se que o jornalismo possui papel importante quando se fala em reprodução e manutenção das hierarquias de gênero e raça. É importante destacar também que as lógicas de gênero e raça atravessam as instituições e organizações. Ademais, não se pode negar o poder que o jornalismo possui de prover referências de mundo por meio do enquadramento das notícias. Por esse motivo, se faz necessário que a pesquisa científica se debruce sobre como as mulheres vêm sendo representadas nos portais de notícias.

Percurso metodológico

Esta é uma pesquisa qualitativa que utilizou como aporte teórico metodológico a Teoria do Enquadramento, a qual apresenta-se “como conceito com potencial de análise dos processos cognitivos” (GONÇALVES, 2005, p. 158). No caso deste estudo, esse processo é o de produção da notícia que, em certa medida, enquadra a realidade. Nesse caso, o enquadramento para o jornalismo são premissas que servem para organizar a realidade (MOTTA, 2007). É um recorte, que até chegar a sua forma final, passa por uma série de processos: seleção, organização e publicação. Essas etapas, embora tenham o propósito de conferir objetividade à narrativa, são permeadas por subjetividades.

Dessa forma, esse processo, que se configura como esquema para a apresentação e interpretação das notícias, é marcado por múltiplos enquadramentos que começam na decisão do que vai ou não ser notícia. Ainda que inconscientemente, os critérios de noticiabilidade acionados, a escolha das fontes e dos termos adotados na escrita vão carregar marcas dos enquadramentos que organizam o sistema de



crenças do jornalista (GONÇALVES, 2005). Pontuando que, embora este artigo se atenha ao conteúdo jornalístico, entendemos que os prosumidores de notícia também acionam seus enquadramentos ao interpretar as informações. Por isso os efeitos não se dão de forma linear.

Mauro Porto (2004) afirma que as seleções feitas pelos jornalistas no momento da produção são uma das características mais importantes do enquadramento noticioso. A partir dessa seleção, os profissionais dão ênfase seletiva em certos aspectos da realidade que eles percebem. Dessa forma, com a Análise de Enquadramento torna-se possível perceber os detalhes da construção da notícia e como a presença ou ausência de elementos na produção levam a uma interpretação sobre o fato. Ademais, quando se estuda mais de um veículo jornalístico, outras interpretações podem ser levantadas e comparadas.

Para a coleta das matérias, utilizamos as palavras-chave “atos antidemocráticos” e “manifestações populares eleições 2022” no Google. Excluímos as notícias com títulos repetidos. Ao final, encontramos 18 notícias, distribuídas em cinco páginas da busca do Google, entre os dias 31 de outubro e 3 de novembro de 2022. A data corresponde a quatro dias após o segundo turno das últimas eleições. Os veículos utilizados são todos com grande poder econômico, como por exemplo o UOL, G1 - Globo, CNN Brasil, MSN notícias, Correio Braziliense, Jornal O Globo, Folha, Istoé Dinheiro e Metrôpoles.

Já na análise do material coletado, foram elaboradas categorias balizadas pela Análise de Conteúdo, método que reduz a complexidade dos textos por meio de classificações sistêmicas no material coletado em congruência com as teorias (BAUER, 2002). O aporte permite comparações, classificações e a identificação de semelhanças e diferenças, extrapolando o conteúdo das mensagens em si, que podem se associar a outros elementos, como os diversos contextos da produção de texto (PUGLISI, FRANCO, 2005). As fases desta forma de análise são compostas por descrição, interpretação e inferência (BARDIN, 1977).

A participação das mulheres nos atos antidemocráticos sob à ótica dos portais de notícias nacionais



Ao todo foram analisadas 18 publicações veiculadas em 14 portais, sendo 16 considerados conservadores e dois progressistas. Do total das publicações coletadas, 12 são matérias e 6 são vídeos que estavam contidos nas matérias, conforme pode ser visto no Quadro 1 a seguir.

QUADRO 1. Lista de conteúdos selecionados para a análise. Elaborada pelas autoras.

Veículo	Título da Matéria	Gênero das/dos repórteres	Fonte utilizada
O Globo	Atos antidemocráticos não encontram adesão nas redes e são alvos de posts em tom de humor	Mulher	Fonte especializada - homem
Estadão	Quem promove atos antidemocráticos será tratado como 'criminoso', diz Moraes	Homem	Fonte especializada - homem
CNN	Grupos fazem atos antidemocráticos e pedem intervenção militar diante de quartéis	Sem identificação	Ninguém foi entrevistado
O Globo	Bolsonaristas se reuniram em atos antidemocráticos em 24 estados e no DF	Sem identificação	Ninguém foi entrevistado
Metrópoles	Mourão sobre atos antidemocráticos: "Manifestações ordeiras"	Homem	Aspas do Twitter
O Globo	Bolsonaristas fazem atos antidemocráticos no Rio e em SP	Homem e Mulher	Ninguém foi entrevistado
O Globo	Deputadas bolsonaristas já investigadas por atos antidemocráticos incentivam bloqueios em rodovias	Dois homens e uma mulher	Duas fontes oficiais - parlamentares (uma mulher e um homem)
O Globo	Moraes chama atos de 'ilícitos, antidemocráticos e criminosos' e garante que não há como contestar resultados	Mulher	Fonte especializada - homem



	Bolsonaristas fazem atos antidemocráticos diante de sedes militares no Rio e SP	Sem identificação	2 fontes não identificadas
Correio Braziliense	MP pede que TCU investigue PRF por omissão em bloqueios de estradas	Mulher	Duas fontes especializadas - dois homens
	Bolsonaristas fazem atos antidemocráticos no Sul de Minas contra resultado das urnas	Sem identificação	Ninguém foi entrevistado
Rede Brasil Atual	Moraes reafirma eleição de Lula e responsabilização de atos antidemocráticos	Sem identificação	Fonte especializada - homem
UOL	Líder caminhoneiro repudia bloqueios e diz: 'Não estamos fazendo atos antidemocráticos'	Homem	Fonte especializada - homem
UOL	Alexandre de Moraes fala de atos antidemocráticos	Sem identificação	Fonte especializada - homem
MSN Notícia	Atos antidemocráticos em Brusque neste feriado de finados	Sem identificação	Ninguém foi entrevistado
Terra	PRF diz que bloqueios atuais são semelhantes aos atos antidemocráticos em 2021	Mulher	Fonte especializada - homem
Brasil 247	Atos golpistas são insuflados por bolsonaristas e alimentados com fake news	Sem identificação	Ninguém foi entrevistado
O Dia	Apoiadores de Bolsonaro fazem atos pelo país e pedem intervenção federal	sem identificação	Ninguém foi entrevistado

Fonte: Produzida pelas autoras (2023).

Atendendo às orientações da AC, as categorias analisadas foram criadas a *posteriori*, ou seja, quando emergem do campo e agrupadas nos seguintes grupos: perfil, autores e frequência. A partir delas, identificamos que o perfil das mulheres que aparecem nas notícias são majoritariamente brancas. Outras pesquisas já evidenciam a pouca presença das mulheres negras na comunicação, Christofolletti e Watzó (2009), verificaram que três jornais catarinenses apresentaram desigualdades na cobertura, havendo uma invisibilidade de mulheres negras e pardas no jornalismo. Lago, Thamani e Kazan (2019) também notaram esse tipo de invisibilização nas revistas



Cláudia e Glamour, além de constatarem que a produção dessas revistas não abordam assuntos como gênero, classe e raça.

Além disso, as mulheres estudadas aqui são mostradas com pouca frequência, sendo mais recorrentes as imagens delas nos vídeos, na maior parte das vezes em segundo plano, o que configura um aparecimento secundário, já que embora elas estejam presentes nos atos, suas vozes não são evidenciadas nas matérias, sendo apenas figurantes.

É importante que se ressalte que quando se fala em equiparação de gênero na comunicação, isso também deve incluir as representações e os discursos (Alcântara, 2021). Porém, infelizmente, o jornalismo ainda está longe de alcançar isso quando se observa a presença de homens e mulheres na cobertura a nível mundial. Segundo o relatório *Global Media Monitoring Project (2020)*, levará mais 67 anos para que se encerre a lacuna para a igualdade de gênero nos meios de comunicação tradicionais.

Dos títulos das notícias, apenas um tem uma mulher como protagonista e ela aparece na condição de investigada, sendo que não foram encontrados nem um tipo de apontamento semelhante a lideranças masculinas. Em relação à autoria, há uma paridade na produção das matérias, no entanto esse quantitativo não foi indicativo de mudança no enquadramento em relação à figura feminina. Dados que serão discutidos mais à frente.

QUADRO 2. Categorias de análise

Categoria	Detalhamento	Intenção
Perfil	Perfil das mulheres presentes no ato	Analisar as características explícitas
Autor	Quem produziu as matérias	Identificar o gênero dos jornalistas que produziram a matéria
Frequência	Levantar a frequência com que mulheres aparecem como fontes de notícia	Verificar a quantidade de vezes com que mulheres são entrevistadas nas matérias

Fonte: Produzida pelas autoras (2023).



Antes de entrar no objetivo do artigo em si, cabe contextualizar as notícias como um todo. A maioria delas é de cunho factual, que são aquelas baseadas em fatos recentes. O objetivo de grande parte das notícias é contabilizar a abrangência dos atos antidemocráticos. É possível observar logo no *lead* a preocupação em informar em quantos Estados do país a mobilização ocorreu. “Em 20 estados e o DF”, “Em 24 estados mais o DF”, informam as matérias. De maneira geral, são notícias que descrevem os atos, destacando que eles foram convocados pelo WhatsApp e as características das pessoas presentes, ponto que será melhor analisado a seguir.

Essa característica da notícia pode ser entendida dentro do conceito do enquadramento episódico. Segundo Danilo Rothberg (2010), o enquadramento episódico não explora questões políticas de um fato e apenas acentua aspectos circunstanciais e isso acarreta, por exemplo, na falta de uma visão social e macropolítica sobre determinadas questões, como foi o caso desses atos antidemocráticos. “O que se tem como resultado da assimilação de uma matéria é, assim, um esquema de pensamento a ser entendido como um quadro genérico de compreensão do assunto focado, no qual determinados aspectos adquirem relevância, e outros simplesmente deixam de existir” (ROTHBERG, 2010, p. 62).

O autor também argumenta que notícias que são produzidas com pluralidade de fontes e aprofundamento de apuração, por exemplo, também fazem parte do aparato de conhecimento e formação política de uma sociedade, por isso a importância de se falar sobre o enquadramento noticioso neste caso estudado aqui (ROTHBERG, 2010).

Perfil: Escolhemos analisar o perfil das pessoas presentes nos atos antidemocráticos por entender que isso serviria como parâmetro para compreender tanto a natureza deste movimento, quanto se havia uma presença significativa de mulheres. Além do mais, as características sociais constituem um aspecto definidor do enquadramento que será dado pelos veículos, considerando que as notícias tratam-se de produtos humanos e, portanto, subjetivo. Ao produzir uma matéria, em todas as etapas, são evocados pelo jornalista normas e valores instituídos culturalmente que vão definir a forma como são retratados os grupos sociais.

Na cobertura desses veículos para este artigo, as mulheres que participaram dos atos antidemocráticos possuíam cor branca, cabelos lisos, aparentemente mais de



30 anos de idade, e vestidas de verde e amarelo. Considerando a pigmentação da pele, é possível perceber a presença de mulheres negras também, porém em menor número, como podemos observar na imagem a seguir:

Imagem 1. Exemplo de imagem em primeiro plano



Fonte: Captura de tela extraída da notícia 18, do Jornal O Dia, por Cleber Mendes no Centro do Rio de Janeiro (RJ)

Esse número menor das negras pode ser reflexo do próprio perfil do eleitorado bolsonarista, constituído majoritariamente por pessoas brancas⁹. Por outro lado, podemos inferir que a participação de mulheres negras, ainda que pequena, pode ser resultado do processo de negação e branqueamento do país, onde os valores considerados positivos estavam associados à cor branca, sinônimo de pureza e bondade divina. Em contrapartida, eram associados à cor negra valores negativos, como o pecado, as trevas e o mal (DEUS, 2008).

Por sua vez, ao olhar para a ausência das negras, seja como fontes de notícia ou até mesmo na participação de forma geral no movimento, um aspecto que deve ser considerado: o contexto histórico brasileiro e como se constitui a ideia de hierarquia entre as raças. Isso porque raça é uma construção que passou a ser usada no período colonial para se referir às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados (QUIJANO, 2005). Essa construção deu impulso às relações de dominação e opressão, já que a essas identidades “foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, como constitutivas delas” (QUIJANO, 2005, p. 107), destinando a

⁹ OPERFIL de quem reprova Bolsonaro e de quem ainda o tolera, segundo pesquisa. CartaCapital, 2023. BARBON, Julia. Datafolha: Eleitor de Bolsonaro desconfia das urnas, defende armas e vê otimismo na economia. Folha de São Paulo, 2022.



muitos grupos uma situação de inferioridade. Associação que se perpetua até hoje e estabelece espaços sociais e geográficos considerados brancos e não-brancos (GONZALEZ, 1984). Essa configuração destinou, no imaginário social, às mulheres negras o espaço privado e o anonimato.

Importante pontuar que no próprio governo de Bolsorano, que em seu plano de governança apresentado para as últimas eleições, não mencionava em nenhuma parte do documento, de políticas voltadas às pessoas negras ou de combate econômico e/ou social à discriminação racial. Isso leva a pensar em outro ponto, que é a questão do pertencimento. Grada Kilomba (2019) defende que a ideia de sujeito está relacionada à participação em sua sociedade. Quando são ouvidos, determinam agendas, anunciam temas, pautam interesses coletivos e permitem que a pluralidade de direitos e acessos sejam respeitados. Entman (1993) destaca que omissões e exclusões também fazem parte dos enquadramentos das notícias. Segundo ele, a omissão de definições, explicações e recomendações pode ser tão crítica quanto a inclusão ao se pensar na orientação de interpretação da audiência.

Logo, tanto o perfil dos manifestantes, quanto o espaço de protagonismo dedicado às mulheres, sobretudo as negras, enquanto fonte de notícia são resultado de um processo histórico que destinou a elas um lugar de silenciamento, um papel de outridade (KILOMBA, 2019), de espaços considerados de menor valor social.

Autoria: Esta categoria visou identificar o gênero dos autores que escrevem as notícias, tendo como pressuposto o fato de que o processo de produção jornalístico não é neutro. Assim, a presença de mulheres como autoras poderia ser, ou não, um fator que afetaria a cobertura noticiosa em questões, como minimizar a reprodução de estereótipos de gênero e a inclusão de fontes femininas. Ademais, Entman (1993) indica que o comunicador faz parte da construção dos enquadramentos das notícias. Segundo ele, comunicador, conscientemente ou inconscientemente, toma decisões sobre o que falar a partir de enquadramentos que organizam suas próprias crenças

Verificamos uma certa paridade em relação à escrita do texto: seis matérias foram identificadas apenas como “Redação”, em que não é possível identificar o gênero da/do repórter, enquanto que seis matérias foram assinadas por homens e as outras seis por mulheres. As fotografias são assinadas por fotojornalistas homens. Em 32 imagens do total de 64, apenas uma mulher assina a imagem do portal Brasil 247.



De acordo com Nayara Sousa, em sua dissertação de mestrado, defendida na UFMA-Imperatriz em 2022, a literatura sobre a rotina jornalística, em especial nas redações de jornais e portais de notícias *online*, aponta uma progressiva feminização do jornalismo, contudo, os cargos de chefia ainda permanecem sendo exercidos por homens. Outro ponto que Sousa (2022) destaca é a definição das pautas conforme o gênero a partir das temáticas: “as mulheres são associadas às editoriais ligadas ao “universo feminino” (maternidade, moda, saúde, cultura etc.), enquanto atribui-se aos homens os assuntos considerados mais “sérios” (economia, tecnologia, política etc.)” (SOUSA, 2022, p. 24).

Esta feminização da área não interferiu na cultura organizacional no jornalismo no que se refere a questões de gênero. Segundo a Abraji (2020), as mulheres foram vítimas naquele ano em 37,5% dos ataques a jornalistas e profissionais da imprensa brasileira, violências que abrangem agressões e discursos estigmatizantes. Isso acontece porque os enquadramentos sociais dos sujeitos que fazem parte deste universo e os princípios organizativos que eles compartilham, que são “princípios organizativos compartilhados, fundamentados na cultura, a partir de expectativas recíprocas e comuns”, carregam marcas de uma lógica de funcionamento, predominantemente, masculinas (MOTTA, 2007, p. 4)

Frequência: Aqui buscamos compreender o quanto e como as fontes femininas são retratadas quando são acionadas nas notícias que cobriu os atos antidemocráticos. A proposta foi identificar possíveis padrões na cobertura midiática.

Apenas em uma notícia há entrevistas sobre a participação das e dos manifestantes. Na notícia 9, da *Istoé Dinheiro*, do dia 2 de novembro de 2022, notamos que há um homem identificado como João e a sinalização de sua profissão, como militar reformado. Em outro momento, no mesmo texto, uma mulher foi ouvida. Ela não foi identificada e tampouco a sua profissão foi mencionada, embora se trate de uma das organizadoras do ato. Essa diferenciação na forma de identificar a fonte é outra ilustração das diferenças de gênero. Quando se trata da mulher, ela sequer é apresentada como profissional e ocupante de algum papel social.

Em outra uma matéria datada do dia 31 de outubro de 2022, a notícia 7, de *O Globo* com o título “Deputadas bolsonaristas já investigadas por atos antidemocráticos incentivam bloqueios em rodovias”, as deputadas Carla Zambelli (PL-SP) e Aline



Sleutjes (PROS-PR) foram mencionadas na notícia que mostrou suas mensagens de apoio aos atos antidemocráticos em suas respectivas redes sociais. O jornal procurou as deputadas, mas somente Carla Zambelli respondeu: “Procurada, Zambelli afirmou: “Eu os parabenizo pelo patriotismo”. Questionada se suas declarações significavam apoio aos bloqueios, a deputada respondeu: “Entenda como quiser”. A assessoria de Sleutjes não respondeu.”

Na única vez que as mulheres aparecem como protagonistas em títulos da matéria, neste único caso, elas ocupam o papel de investigadas. Independente se são culpadas ou não, o mesmo tratamento não foi dado à outras lideranças do sexo masculino, o que levanta o questionamento sobre a misogina presente nos enquadramentos destas notícias.

Há uma evidente predileção pela utilização de fontes, majoritariamente masculinas e especializadas, como é o caso do Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) e presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Alexandre de Moraes, que aparece em três das 18 matérias analisadas neste artigo.

Cabe pontuar que nas imagens, as pessoas em primeiro plano tendem a ser em pouco número. Do total de 64 imagens analisadas em apenas 18 delas, as pessoas aparecem em primeiro plano, sendo que as mulheres protagonizam o plano em 14 imagens enquanto que os homens aparecem como protagonistas em quatro fotos. Ou seja, elas aparecem mais, porém não foram ouvidas.

Essa pode ser uma das marcas de gênero na cultura organizacional do jornalismo, especificamente das rotinas produtivas, já que as mulheres foram ouvidas apenas duas vezes e em uma delas, tratava-se de uma fonte com respaldo social. O que permite inferir que os gêneros não gozam do mesmo reconhecimento e que alguns valem mais que outros (LOURO, 2011; LELO, 2019).

Esse tratamento mostra que independente do viés do acontecimento: se é factual, se não é, se é progressista ou conservador, o enquadramento feminino tende a seguir a mesma lógica. Em pesquisa realizada por Flávia Biroli (2010, p. 45) que analisou as principais revistas semanais brasileiras constatou “a existência de estereótipos de gênero que remetem a compreensões convencionais do papel da mulher nas sociedades”. A autora defende que isso é resultado de questões mais



amplas, como o modo de funcionamento de democracias liberais em que as mulheres são excluídas sistematicamente de alguns grupos ou espaços de poder, mantendo-as em posições subalternas, sendo os produtos midiáticos frutos, também, dessas dinâmicas.

Embora a ausência de mulheres como fonte jornalística não seja algo recente e nem específico deste momento, algumas crenças deste grupo fortalecem essa incidência. O próprio candidato à reeleição na época e líder destes movimentos, Jair Messias Bolsonaro, já fez diversas falas misóginas, como mencionar a filha como resultado de uma fraquejada, desqualificou produções como o filme da “Bruna Surfistinha”, que narra a história de uma famosa trabalhadora do sexo, fez apologia ao turismo sexual, convidando turistas a fazer sexo com as brasileiras, fortalecendo o esteriótipo da mulher brasileira como objeto sexual; fez apologia ao estupro, ao dizer que a deputada federal Maria do Rosário (PT-RS) era feia e por isso não merecia ser estuprada; diminuiu o trabalho das mulheres diante de questões biológicas, como o da possibilidade de gravidez e disse que seus filhos não teriam um relacionamento com uma mulher negra por serem bem educados.

Essas são algumas das falas que servem de parâmetro para observarmos como os grupos ultraconservadores enxergam as mulheres. Diante disso, podemos inferir que o silenciamento pode até ser algo inerente a elas mesmas, ainda que de forma inconsciente, diante da não escuta ou invalidação de suas existências. O falar é algo relacionado ao ouvir. Só se pode falar, quando se é ouvido (KILOMBA, 2019). Isso pode ser explicado também pelo jogo de disciplinamento do poder, onde alguns são mais encorajados que os outros (COLLINS; BILGE, 2020).

Essa ausência é preocupante considerando que as mulheres são maioria na população brasileira e pelo fato de que as fontes desempenham um papel fundamental no jornalismo, já que as notícias muitas vezes dependem do que elas dizem, sendo muitas vezes o centro da produção jornalística, seja no processo de apuração ou da matéria em si. Juntos, jornalistas e fontes, geram diferentes modos e formas de conhecimento da realidade (SCHMITZ, 2011).

Se pensarmos que os enquadramentos consistem em um agrupamento de ideias, selecionado e hierarquizado, “um esforço inconsciente dos jornalistas para transmitir as ocorrências selecionadas de uma forma compreensível, tornando as



questões políticas inteligíveis para o público” (MOTTA, 2007, p. 4). Não ouvir mulheres pode significar, na perspectiva deles, que o ponto de vista delas é dispensável.

Cabe pontuar que esse silenciamento se inscreve no que Collins e Bilge (2020, p. 24) chamam de “domínio cultural do poder”, que trata da importância das ideias e da cultura na organização das relações de poder, onde essa ausência de falas ou imagens com padrão hegemônico de pessoas brancas é um reflexo de quem adere ao movimento, mas também normaliza expectativas culturais, onde o masculino é priorizado.

Os dados encontrados neste estudo são preocupantes porque, apesar de alguns avanços, como a paridade entre os gêneros no que diz respeito a produção das matérias sobre os atos antidemocráticos, ainda se segue as práticas hegemônicas e carregam marcas do machismo e racismo, em que as mulheres são meras figurantes, raramente são ouvidas. Quando se trata das mulheres negras, a questão é ainda mais grave já que em nenhuma vez elas foram ouvidas.

Considerações finais

Este artigo buscou debruçar-se, a partir de um recorte de gênero, sobre o enquadramento em portais de notícias dos atos antidemocráticos ocorridos em 2022 após a eleição presidencial, apontando que apesar da presença feminina nos atos, elas se restringem a um espaço secundário. Ao menos no que diz respeito ao recorte temporal desta pesquisa que corresponde ao período entre os dias 31 de outubro e 3 de novembro de 2022, quatro dias após o segundo turno das últimas eleições.

No que diz respeito às fotografias, as mulheres aparecem em primeiro plano em 14 imagens, das 18 notícias analisadas, enquanto os homens apenas em quatro fotografias. Já nas imagens de vídeo, elas são mostradas sempre em segundo plano. Ou seja, elas aparecem, porém são menos ouvidas. O perfil das mulheres nestas imagens é composto por peles brancas. A ausência das negras pode ser resultado de um processo de hierarquização de gênero e raça brasileiro, que destinou a estas sujeitas espaços de apagamento ou de menor prestígio social, como os da esfera privada. Quando se trata delas enquanto fonte de notícia, a frequência é inexpressiva. Elas aparecem duas vezes, em uma delas apesar de se tratar de uma liderança do



movimento. A não identificação da entrevista é outra marca deste apagamento. Na outra, que é a única em que há mulheres no título da notícia, elas estão na condição de investigadas, tratamento que não foi dado aos homens.

Seja o anonimato destinado a elas, o enquadramento dado no único momento em que elas são destaque ou a predileção pela utilização de fontes - majoritariamente masculinas e especializadas - são marcas evidentes da misoginia que impregna a cultura jornalística, que acaba contribuindo para a naturalização de um ideal de mulher que está sempre em um plano secundário e que se agrava quando se trata das negras, reforça os papéis históricos de subalternização a que foram submetidas. Essa situação pode ter sido agravada considerando o contexto: trata-se de manifestações protagonizadas por um grupo conservador em que seu principal líder, o ex-presidente, Jair Bolsonaro, frequentemente tem falas em que deixa evidente que, em sua concepção, as mulheres são inferiores, o que pode motivar ainda o auto silenciamento de mulheres e provocar a desmotivação de que elas sejam procuradas como fonte. Outro fator é que Bolsonaro também atacou recorrentemente a imprensa durante a sua gestão. Tudo isso é muito grave, já que o jornalismo é um campo que serve como referência para que pessoas construam suas concepções da realidade.

A forma como se desenha a figura feminina nestes atos não é algo aleatório. Faz parte de um projeto de poder em que homens, brancos e ricos continuem se perpetuando no espaços de legitimação de poder, às custas do trabalho de cuidado das mulheres, que são consideradas - na mídia, na política e nos espaços de poder - como meras coadjuvantes, como o outro (BEAUVOIR, 2009, p. 71), como seres de segunda classe. Eles só não podem esquecer - ou fingir esquecer - que sempre haverá resistência feminina e feminista pelo caminho, mesmo que algumas mulheres sejam cooptadas durante o percurso. Do lado daqui, continuaremos ecoando a frase que muitas outras mulheres bradam nas ruas e nas redes - “Nada sobre nós, sem nós”.

Nota-se também que parte significativa das matérias foram produzidas por mulheres, o que confirma a tendência de feminização do jornalismo. Porém, é preocupante o fato de que, apesar da presença das mulheres na cobertura destes eventos, as produções ainda estão carregadas de princípios machistas e racistas. Isso porque as lógicas de funcionamento ainda são as hegemônicas, seguindo as mesmas da sociedade como um todo.



Referências

- ALCANTARA, Juliana. Gênero e jornalismo: quem produz as notícias e como influenciam no discurso. **Observatorio (OBS*)**, v. 15, n. 1, 2021.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: Bauer, Martin W. Gaskell, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2002
- BEAUVOIR, Simone. O ponto de vista psicanalítico. In: BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, 2v.
- BIROLI, Flávia. Mulheres e política nas notícias: Estereótipos de gênero e competência política. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 2010.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARVALHO, Carlos Alberto de . Sobre limites e possibilidades do conceito de enquadramento jornalístico. **Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura**, v. 7, n. 2, 2009.
- COLLINS, Patricia, Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, 440 p.
- _____ ; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- CONRADO, Mônica Prates. **A questão racial no Brasil sob a perspectiva de Gilberto Freyre e Florestan Fernandes**. Humanitas, v.20, n. 1/2, p. 83-98, 2004.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. 3. ed. São Paulo: Nversos, 2015. 325 p.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério; WATZKO, Roberta Cunha. Mulheres negras nos jornais: exclusão, gênero e etnia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 39, p. 98-104, ago. 2009.



DEUS, Zélia Amador de. **OS HERDEIROS DE ANANSE: movimento negro, ações afirmativas, cotas para negros na universidade.** Tese de Doutorado. Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

ENTMAN, Robert M. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. **Journal Of Communication**, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.

FIGARO; Roseli. SILVA, Aná Flávia Marques da. **A comunicação como trabalho no Capitalismo de plataforma: O caso das mudanças no jornalismo.** Contracampo, Niterói, v. 39, n. 1, p. 101-115, abr./jul. 2020

FRANCO, Maria Laura; PUGLISI, Barbosa. *Análise de Conteúdo.* Brasília: Liber Livro, 2005

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** Organização: Flávia Rios; Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

_____. A categoria político-cultural da *Amefricanidade*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, 440 p.

_____. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984. p. 223-244.

GONÇALVES, Telmo. A Abordagem do Enquadramento nos Estudos do Jornalismo. *Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura*, [S.l.], n. 5/6, July 2011.

GLOBAL MEDIA MONITORING PROJECT. Who makes the news?: Brasil - National Report. 2020. Disponível em: <https://whomakesthenews.org/wp-content/uploads/2021/07/1-Relatorio-GMMP-Brasil-portugues-12-07-21-completo-1.pdf>. Acesso em: 11 out. 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

LAGO, Cláudia; THAMANI, Manuela; KAZAN, Evelyn. Mulheres negras no março de Claudia e Glamour. *Revista ECO-Pós*, v. 1, n. 22, p. 384-408, 2019

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação.** Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ. Vozes, 1997.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015.



MOTTA, Luiz Gonzaga. **Enquadramentos Lúdicos Dramáticos no Jornalismo: mapas culturais para organizar conflitos políticos.** Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 17, p. 1-25, julho/dezembro 2007

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. **O Jornalismo em tempo de mudanças estruturais.** Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24, p. 38-57, janeiro/junho 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/19208>. Acesso dia 29 de agosto de 2021.

PORTO, Mauro P. Enquadramentos da Mídia e Política. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.). **Comunicação e política: conceitos e abordagens.** Salvador: Edufba, 2004. Cap. 3. p. 73-104.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

ROCHA, Paula Melani; WOITOWICZ, Karina Janz. Representações de gênero na mídia: um estudo sobre a imagem de homens e mulheres em jornais e revistas segmentadas. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013
SARMENTO, Rayza. Análise de enquadramento e epistemologia feminista: discutindo implicações metodológicas. **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política**, v. 28, n. 3, 2019.

ROTHBERG, Danilo. O conceito de enquadramento e sua contribuição à crítica de mídia. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério (org.). **Vitrine e vitraço: crítica de mídia e qualidade no jornalismo.** Covilhã: Labcom Books, 2010. p. 53-68.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, no 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.
SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo.** Florianópolis: Combook, 2011.

SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues de. O trabalho do jornalista e suas contradições: uma ontologia da crise. **Matrizes**. 2017, 11(3), 129-149. ISSN: 1982-2073.

SOUSA, Nayara Nascimento de. **Entraves para a produção jornalística com perspectiva de gênero a partir da feminização do jornalismo no Brasil.** Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Mestrado em Comunicação - PPGCOM CCSST (Campus Imperatriz)) - Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2022.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo. A tribo jornalística** - uma comunidade interpretativa transnacional - Florianópolis: Insular, 2005.

_____. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são.** Florianópolis Insular, 2. ed., 2005.



Matérias analisadas

Alexandre de Moraes fala de atos antidemocráticos. UOL [online], 3 de novembro de 2022. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/eleicoes/videos/?id=alexandre-de-moraes-fala-de-atos-antidemocraticos-04020E183264C4897326>> Acesso: 30 de dezembro de 2022.

Apoiadores de Bolsonaro fazem atos pelo país e pedem intervenção federal. O Dia - IG [online], 2 de novembro de 2022. Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/eleicoes/2022/11/6516336-apoiadores-de-bolsonaro-fazem-atos-pelo-pais-e-pedem-intervencao-federal.html>> Acesso: 30 de dezembro de 2022.

Atos golpistas são insuflados por bolsonaristas e alimentados com fake news. Brasil 247 [online], 3 de novembro de 2022. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/brasil/atos-golpistas-sao-insuflados-por-bolsonaristas-e-alimentados-com-fake-news>> Acesso: 30 de dezembro de 2022.

Atos golpistas são insuflados por bolsonaristas e alimentados com fake news. Brasil 247 [online], 3 de novembro de 2022. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/brasil/atos-golpistas-sao-insuflados-por-bolsonaristas-e-alimentados-com-fake-news>> Acesso: 30 de dezembro de 2022.

Atos antidemocráticos em Brusque neste feriado de finados. MSN Notícias [online], Brusque (SC), 2 de novembro de 2022. Disponível em: <<https://www.msn.com/pt-br/noticias/brasil/atos-antidemocr%C3%A1ticos-em-brusque-neste-feriado-de-finados/vi-AA13EDt0>> Acesso: 30 de dezembro de 2022.

Atos antidemocráticos não encontram adesão nas redes e são alvos de posts em tom de humor. O Globo [online], Rio de Janeiro, 3 de novembro de 2022. Blogs. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/post/2022/11/atos-antidemocraticos-nao-encontram-adesao-nas-redes-e-sao-alvos-de-posts-em-tom-de-humor.ghtml>> Acesso: 30 de dezembro de 2022.

Bolsonaristas se reuniram em atos antidemocráticos em 24 estados e no DF. G1- Globo [online], 2 de novembro de 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/11/02/atos-bolsonaristas-quarteis-brasil.ghtml>> Acesso: 30 de dezembro de 2022.

Bolsonaristas fazem atos antidemocráticos no Rio e em SP. Extra - Globo [online], 2 de novembro de 2022, Política. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/politica/bolsonaristas-fazem-atos-antidemocraticos-no-rio-em-sp-25602352.html>> Acesso: 30 de dezembro de 2022.

Bolsonaristas fazem atos diante de sedes militares no Rio e SP. Istoé Dinheiro [online], 2 de novembro de 2022, Política. Disponível em:



<<https://www.istoedinheiro.com.br/bolsonaristas-fazem-atos-diante-de-sedes-militares-no-rio-e-sp/>> Acesso: 30 de dezembro de 2022

Deputadas bolsonaristas já investigadas por atos antidemocráticos incentivam bloqueios em rodovias. O Globo [online], Brasília, 31 de outubro de 2022, Política. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/10/deputadas-bolsonaristas-ja-investigadas-por-atos-antidemocraticos-incentivam-bloqueios-em-rodovias.ghtml>> Acesso: 30 de dezembro de 2022.

Grupos fazem atos antidemocráticos no Sul de Minas contra resultado das urnas. G1-Globo [online], 2 de novembro de 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2022/11/02/grupos-fazem-atos-no-sul-de-minas-contr-resultado-das-urnas.ghtml>> Acesso: 30 de dezembro de 2022.

Grupos fazem atos antidemocráticos e pedem intervenção militar diante de quartéis. CNN Brasil [online], 2 de novembro de 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/grupos-fazem-atos-antidemocraticos-e-pedem-intervencao-militar-diante-de-quarteis/>> Acesso: 30 de dezembro de 2022.

Líder caminhoneiro repudia bloqueios e diz: ‘Não estamos fazendo atos antidemocráticos’. UOL [online], Rio de Janeiro, 2 de novembro de 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/11/02/lider-caminhoneiro-sobre-bloqueios-nao-estamos-fazendo-atos-antidemocraticos.htm>> Acesso: 30 de dezembro de 2022.

Moraes chama atos de ‘ilícitos, antidemocráticos e criminosos’ e garante que não há como contestar resultados. O Globo [online], Brasília, 3 de novembro de 2022, Política. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/11/moraes-diz-que-nao-ha-como-contestar-resultado-democratico-com-movimentos-ilicitos-a-democracia-venceu-novamente-no-brasil.ghtml>> Acesso: 30 de novembro de 2022.

Moraes reafirma eleição de Lula e responsabilização de atos antidemocráticos. Rede Brasil Atual [online], 3 de novembro de 2022. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/politica/moraes-reafirma-eleicao-de-lula-e-responsabilizacao-de-atos-antidemocraticos/>> Acesso: 30 de dezembro de 2022.

Mourão sobre atos antidemocráticos: “Manifestações ordeiras”. Metrôpoles [online], 2 de novembro de 2022. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/eleicoes-2022/mourao-sobre-atos-antidemocraticos-manifestacoes-ordeiras>> Acesso: 30 de dezembro de 2022.

MP pede que TCU investigue PRF por omissão em bloqueios de estradas. Correio Braziliense [online], 1 de novembro de 2022. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/11/5048682-mp-pede-que-tcu-investigue-prf-por-omissao-em-bloqueios-de-estradas.html>> Acesso: 30 de dezembro de 2022.



PRF diz que bloqueios atuais são semelhantes aos atos antidemocráticos em 2021. Terra [online], Brusque (SC), 2 de novembro de 2022. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/prf-diz-que-bloqueios-atuais-sao-semelhantes-aos-atos-antidemocraticos-em-2021,006b36deco74b98a7558fcoa16582eeewdhuzhdv.html>> Acesso: 30 de dezembro de 2022.

Quem promove atos antidemocráticos será tratado como criminoso, diz Moraes. Estadão [online], São Paulo, 3 de novembro de 2022. Política. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/politica/quem-promove-atos-antidemocraticos-sera-tratado-como-criminoso-diz-moraes/>> Acesso: 30 de dezembro de 2022.



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.